

# Lembranças do sobradinho amarelo e outros contos



Hermínia Maria dos Santos

Lembranças do sobradinho amarelo  
e outros contos





A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

## Lembranças do sobradinho amarelo e outros contos

Copyright © 2014, Hermínia Maria dos Santos  
Todos os direitos são reservados no Brasil.

### PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 – sala 1110 – Centro  
Rio de Janeiro – 20060-030  
Tel. 21 2236-0844 • [www.podeditora.com.br](http://www.podeditora.com.br)  
[atendimento@podeditora.com.br](mailto:atendimento@podeditora.com.br)

Capa e Diagramação:

*PoD Editora*

Impressão e Acabamento:

*Control C – Impressos sob Demanda*

Digitação: Hermínia Maria dos Santos

Revisão: Carmen Lucia Jochem

Contatos com a autora: [minadossantos@ig.com.br](mailto:minadossantos@ig.com.br)

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S233L

Santos, Hermínia Maria dos  
Lembranças do Sobradinho Amarelo e Outros Contos / Hermínia Maria dos Santos. – [1. Ed.] – Rio de Janeiro: PoD, 2014.  
90p.; 21 cm  
Inclui índice

ISBN 978-85-8225-042-6

1. Romance brasileiro . 2. Literatura brasileira. I. Título.

14-12692

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

30-05-2014

04-06-2014

*Quando o homem perder a capacidade de ter esperanças,  
é melhor apagar o arco-íris.*

*Mário Lago*



## Sumário

Eu no universo .....	9
O marido da bela .....	11
Novo amanhecer .....	15
A esfinge .....	19
O bolo .....	22
O Cisne Negro.....	24
O telefonema.....	28
A camaleoa .....	33
Vera, Verinha! .....	35
Do cotidiano .....	37
Saudade de você .....	39
Marialba .....	42
Relembrando o amor .....	47
Lembranças do sobradinho amarelo.....	50
Apartamento 101 .....	54
Apartamento 201 .....	66





## Eu no universo

Desde criança o céu sempre me impressionou. Muitas eram as curiosidades que vinham à minha mente. Algumas, a ciência já respondia, outras continuam sem respostas. Muito o homem ainda tem a descobrir. Mas eu tinha um sonho. Queria dar um jeito de sair da nossa galáxia e cada vez me distanciar mais e mais, até que a última galáxia ficasse bem distante e me virar de frente para aquele universo total e ver como ele seria na sua plenitude. Anos sonhei com isso.

Não sei se alma existe ou não. Não sei se outros mundos são habitados por seres mais ou menos evoluídos que os terráqueos. Sei que na minha juventude tomei uma decisão: quando morresse, não iria nem para o céu, nem para o inferno, nem para lugar algum em que as almas tivessem que ficar guardadas, sei lá para quê. Eu queria morrer perto da passagem de algum cometa. Seguiria para o espaço e quando ele passasse, seguraria na sua cauda, indo com ele pelo espaço. Seguiria pela galáxia até encontrar uma explosão que me arremessasse para o cosmo. Continuaría viajando até o fim de tudo para ver o Universo Total.

Tomo conta de meus netos e nas horas em que não tenho o que fazer, gosto de ir para a televisão. Fico rodando o dial, procurando algo interessante. Eles têm TV a cabo e eu não. As opções lá são maiores que na minha casa. Um dia, dei com um programa sobre o Universo. Passei semanas acompanhando na maior fissura. No último capí-

tulo, tive uma surpresa: os cientistas haviam colocado todas as galáxias juntas em um programa especial do computador para saberem como era o universo na sua totalidade. Eles mostravam ali na tela o que chamavam de um grande corpo esponjoso. Eu não o via bem assim, mas ali estava o que tinha sido sempre o meu maior desejo.

Continuo sem saber se existe ou não vida após a morte. Mas isso agora não tem mais tanta importância. Agora já sei onde estou. Vi com meus próprios olhos. Estou feliz e realizada. EU HABITO UMA ENORME MARIA MOLE COR DE ROSA.

## O marido da bela

Uma mulher linda e formosa morava naquela rua de chão de barro, sem calçada, desde o casamento. Não havia homem na vizinhança que não suspirasse por ela; as mulheres mordiam-se de ciúmes e inveja. Já estava por lá há cinco anos e quatro filhos. Mulher religiosa. Era vista todos os domingos na primeira missa do dia. Trabalhadeira, tinha sempre a casa muito limpa e arrumada, os filhos bem cuidados.

Mas havia algo que os vizinhos não entendiam e nem se conformavam: o marido. Ele não combinava com aquela beldade e nem com os filhos, todos bem bonitos. Ele mal chegava até os ombros da mulher, era muito magrinho e muito feio. Um espirro de homem! Todos se perguntavam o que ela poderia ter visto nele. Mas ele tinha o maior orgulho de desfilar ao seu lado e gostava de gozar os homens do lugar, fazendo pouco das esposas deles. Por conta disso e do tesão que sentiam pela mulher dele, era odiado pelos machos do bairro.

Além da boniteza da mulher, o homenzinho também se gabava de ter certeza do amor dela. Sendo ele pobre e feio, enquanto ela era linda, só por muito amor ela ficaria ao seu lado, por que o que não faltava eram gabirus querendo tão linda prenda.

O que mais desconcertava as pessoas do bairro era que ele não a levava a parte alguma. Nem gostava que ficasse de conversa com alguma vizinha. Até o mercado ele fazia para que ela ficasse em casa. O único lazer da

jovem senhora, era, na primeira quinta-feira de cada mês, sair bem cedo com os quatro filhos e ir para a casa de sua mãe. Voltava já noite, feliz e com presentes para as crianças.

O marido dizia que não se importava com esse passeio, embora a sogra não gostasse dele, porque ela era bem de vida. Mas quando morresse, ia deixar tudo para esposa dele, que era filha única. Desse jeito, ele acabaria ficando com tudo que era da velha. Essa história fazia até as mulheres esquecerem o ciúme e ficarem do lado dela contra ele.

Mas o mundo dá muitas voltas e também para o baixinho ele rodou. Foi uma lavagem d'alma para todo o bairro.

Aconteceu numa quinta-feira. O dia amanheceu lindo e a moça, em vez de ir para a casa da mãe, abriu as janelas, ligou o rádio e pôs-se a cantar. Cantava e trabalhava, deixando a casa limpa e cheirosa. Parecia que ia haver uma festa ali.

Passava um pouco do meio dia, quando o marido saiu de casa, de cabeça baixa e não deu conversa para ninguém. Da casa, saíam a toda hora aromas diferentes: ora era de bolo, ora era de feijoada. A vizinhança estava de plantão: olhos, ouvidos e narizes bem atentos. O que estaria acontecendo naquela casa?

Eram quatro horas da tarde, quando um táxi parou defronte da casa da morena. O menino mais velho, na janela da frente, começou a gritar:

— O papai chegou! O papai chegou!

## Lembranças do sobradinho amarelo e outros contos

Do táxi saltaram o baixinho e, em seguida, um crioulo muito alto e forte, com a cabeça raspada. Os músculos dos braços e do tórax pareciam que iam arrebentar a camisa de malha branca. Foi direto para a casa. Entrou portão adentro e se abaixou para pegar os dois pequenos que correram para ele. Carregando as crianças nos braços, entrou em casa, enquanto o outro pagava o taxista, pegava duas sacolas grandes e seguia atrás do homenzarrão.

O bar da esquina já estava para fechar, esperando apenas os quatro clientes retardatários acabarem suas saídas, quando o homem entrou. Com um vozeirão, foi logo dizendo:

— Me desculpe a hora, mas estou pagando a última rodada. Sou o novo vizinho de vocês.

Todos reconheceram a visita da casa da bela do bairro. Ficaram em silêncio olhando para ele, sem saber o que dizer, cheios de perguntas nos olhos. O homem, como se tivesse captado as perguntas, explicou-se:

— Sabe, por conta de uma briga, há seis anos, acabei por matar um homem e fui condenado a dezoito anos de cadeia. Estou saindo em condicional e voltando para casa. Agora estou na área e assumindo minha família que estava confiada ao meu irmão que vocês devem conhecer. Eu me casei dentro do presídio e nesse tempo minha nega me visitou toda quinta-feira. Foi lá que meus filhos foram feitos. Levantando o copo de cerveja, brindou:

— Salve a liberdade e os novos tempos!

Naquela mesma noite a notícia correu como um rastro de pólvora. Quando o dia amanheceu, um homenzinho, com uma mochila nas costas e uma bolsa na mão

tentou sair de mansinho da casa na rua barrenta. Surpresa! Encontrou a rua cheia de gente que ria e jogava piadas para ele. Quase correndo, o baixinho desceu a rua e tomou o primeiro ônibus que passou. Não importava para onde ia, queria era sumir dali o mais rápido possível.

## Novo amanhecer

Ela ia andando pela calçada. Ia sozinha. Com passos curtos ia caminhando sempre em frente. Apoiava-se ligeiramente numa linda bengala de madeira com cabo de prata. Pára no sinal. Quando todos atravessam, ela segue o fluxo. Foi a última a chegar do outro lado, mas chegou. Virando esquina por esquina, ela fez todo o quarteirão. Voltou ao sinal e tornou a atravessar a rua e tomou o sentido contrario do que viera. Ao chegar de frente a um portão de ferro, caminhou em sua direção. O porteiro, ao vê-la, abriu o portão e foi em seu auxílio, oferecendo-lhe o braço. Cansada, ela aceitou a ajuda até o elevador. Dali até entrar em seu apartamento, estava novamente por conta própria. Ao entrar em casa, dois olhos a observavam cheios de perguntas. Ela então sorriu o seu sorriso mais lindo e falou:

— Não disse que podia? Amanhã irei um tiquinho mais adiante, você vai ver.

— Sim, você disse. Que bom que você não desistiu de você! Tinha tanto medo que perdesse a confiança, minha filha. Que bom ter uma filha tão valente!

— Ora, mãe. Saí a você.

Cândida abraçou a filha, enquanto seus pensamentos voltavam ao dia do acidente. Já fazia dois anos. Ela e o marido estavam em casa vendo televisão quando o telefone tocou. Era um sábado de agosto. Paulo esticou o braço e alcançou o fone. Era do hospital perguntando por ele e por mim. Avisaram que Elisa estava sendo operada

naquele instante; havia sofrido um acidente de carro e corria risco de morte. Cândida e Paulo não se lembravam de como chegaram ao hospital, mas chegaram antes do fim da cirurgia. Tirando algumas escoriações sem importância, o problema estava em uma perna que ficara presa e fora esmagada. Os médicos não conseguiram salvá-la e tiveram que amputá-la na altura do joelho. Ela e o marido ficaram tristes pela filha, mas naquele momento o importante era a menina estar viva. A maior angústia foi ter que contar a Elisa. Tudo isso passava rápido pela mente de Cândida. A volta para casa, a depressão de Elisa com apenas treze anos e uma realidade para a qual nenhum deles estava preparado. Foram dois anos de muita luta, mas agora começava a valer a pena: Elisa estava voltando à vida.

Elisa sentiu o calor amoroso do abraço da mãe e entendia a sua emoção. Lembrou quando dois faróis ofuscaram sua visão, enquanto a luz aumentava em sua direção. De olhos fechados, ainda conseguia ouvir o estrondo da batida e escutar seus gritos e dos amigos. Havia sido uma bela excursão do colégio e voltavam em duas vans. Ela vinha na da frente, quando um caminhão desgovernado apareceu na contra mão e se chocou com eles. O motorista da van e dois amigos seus morreram ali mesmo, outra amiga morreu no mesmo hospital onde cuidaram dela. Soube da morte dos amigos antes de saber de sua perna. A perna já não estava mais ali, mas continuava doendo; os médicos a deixavam sedada, a maior parte do tempo. Nos intervalos, entre uma sedação e outra, sua mãe foi contando os acontecimentos aos poucos, até chegar às suas pernas. No primeiro momento não compreendeu direito. Sua mãe devia estar equivocada: como ela podia ter per-



## Lembranças do sobradinho amarelo e outros contos

dido a perna, se ela a sentia doer? Com os cortes do sedativo, ela teve que encarar a sua realidade. Do lado esquerdo ela só tinha a coxa. No princípio chorou muito, depois parou de chorar. Não chorava e nem falava. Parecia que havia um vazio em sua cabeça. Não conseguia pensar em nada, não era só no acontecido. Simplesmente não havia pensamento. Via tudo que se passava ao seu redor, reconhecia todos que entravam no quarto. Mas nada ecoava em seu cérebro: era tudo um filme mudo. Foi nesse estado de espírito que duas semanas depois voltou para casa. Ganhou uma cadeira de rodas e uma psicóloga. Não voltou mais para o colégio. Não queria receber amigos. Levou uma semana para os pensamentos voltarem. Com os pensamentos vieram os sentimentos que eram apenas raiva, ódio, revolta. Por mais que seus pais a mimassem, a revolta não cedia. Sair de casa era a parte angustiante e a deixava de péssimo humor. Ficou exigente e possessiva. Gritava pela mãe a todo instante, sempre querendo alguma coisa, queria sua atenção o tempo todo. Levou quase um ano para voltar a ver televisão com regularidade. Elisa sentiu-se envergonhada ao lembrar-se daquele tempo perdido. Gastou quase dois anos de sua vida sentindo pena de si mesma e raiva do mundo. Podia estar hoje muito mais adiantada, se não tivesse sido tão boba. Tudo mudou naquela tarde vendo TV. Achando o programa monótono, foi mudando de canal sem se fixar em nenhum. De repente, viu um homem correndo com umas coisas estranhas nas pernas. Parou ali e assistiu à reportagem. O homem havia perdido as duas pernas, mas com duas próteses, treinara e agora era um campeão de corridas. A reportagem também mostrava outros atletas de outras modalidades esportivas, cada um com suas deficiências. Todos tinham em comum a mesma vontade de ser

feliz. Sentiu-se tão idiota com sua raiva e sua arrogância. Não teve coragem para chamar a mãe para assistir com ela a reportagem. Mas tudo que viu e ouviu ficou em sua cabeça. Pensou na vida que levava antes e depois do acidente. Pensou na vida que poderia estar levando. Três dias depois, quase na hora de dormir, chamou de seu quarto a mãe e o pai. Quando eles entraram, ela os recebeu com um sorriso e pediu que sentassem. Lembrou-se da cara de espanto quando ela falou:

— Pai, mãe, daqui a sete meses eu vou fazer quinze anos. Temos que pensar na festa. Ah! Também temos que tratar da minha volta para o colégio. Não posso ficar sem estudos. Também quero pesquisar sobre próteses.

“Daí para frente minha vida mudou”, pensou Elisa. Agora ela sentia novamente prazer em estar viva e no momento vivia um desafio.

Quando Cândida afrouxou o abraço, Elisa a olhou nos olhos e disse:

— Mãe! Acho que já esta na hora de papai e eu começarmos a treinar a valsa, só falta um mês para a festa.

As duas riram e abraçadas foram se sentar no sofá, perto do aparelho de som, para juntas escolherem a valsa.

## A esfinge

Sérgio é jornalista. Há onze anos trabalha para uma revista de grande tiragem. Faz apenas oito meses que foi promovido chefe de equipe para entrevista de gente famosa. Estava feliz com a indicação, mas havia uma sombra em seu coração: substituía seu grande amigo, quase irmão, Fred. Ele havia se matado. Sentia falta do amigo.

Hoje, Sérgio se encontrava na sala de imprensa de um grande hotel, à espera, junto com outros jornalistas, da grande modelo internacional, Priscila. Ele, com um assistente e um fotógrafo, a aguardavam. Já estivera ali há quase dois anos atrás, pelo mesmo motivo. Só que daquela vez, ele era o assistente e Fred seu chefe. Ao lembrar-se, sentiu-se desconfortável e furioso de ter que entrevistar a tal modelo. Pediu então ao seu assistente que fizesse a entrevista. Não queria vê-la. Ele a odiava.

Priscila chegou lindíssima e muito elegante. Trazia no rosto aquele sorriso que conquistava a todos. Com voz suave feito seda, cumprimentou o auditório. Em seguida passou a responder perguntas, com graça e espírito. Podia-se ver a satisfação dos que estavam diante dela. Sérgio, de longe, observava tudo, enquanto sua mente lembrava uma história que começara ali mesmo, quase dois anos antes.

Ele e Fred se encantaram com o sorriso de Priscila. Fred era um jornalista de primeira linha, muito conhecido e conceituado. Todos sabiam que ele ocupava um lugar de destaque na revista e na sociedade. Enfim, Fred era

rico, tinha amigos importantes e fazia parte da mídia. Priscila era uma bela mulher, carreira em ascensão e inteligente. Viu em Fred a grande oportunidade de seus sonhos. Logo iniciaram um “flerte”. Dos olhares e sorrisos para a cama, foram dois dias e um único encontro. Fred largou família e usou a revista e alguns amigos para promovê-la. Mas estar na mídia e bons contratos não eram suficientes para a moça. Primeiro quis joias, depois um apartamento. Para decorá-lo, chamou um arquiteto-decorador que estava na moda e era caríssimo. Mas a moça não sossegava. Quis um cavalo puro sangue. Viagens a lugares exóticos em hotéis cinco estrelas e só aceitava suítes presidenciais. Fred gastava o que tinha e o que não tinha. O trabalho começou a ser negligenciado e quase foi despedido, mas as comissões foram cortadas. Toda essa farra financeira durou pouco mais de um ano. Um dia, Priscila resolveu passar uma temporada nas Ilhas Gregas. Queria relaxar. Fred foi taxativo:

— Querida, não dá. Estou completamente quebrado.

— Nossa! Fred. Você só aguentou um ano! Pensei que estivesse preparado para uma mulher do meu quilate. Sinto muito, meu bem. Você já era. Homem para ficar comigo tem que me bancar. Você é um perdedor. Saia da minha frente e me deixe agora!

Não teve paciência nem para ouvi-lo. Fred ainda tentou falar-lhe uma ou duas vezes, mas ela não atendia. Um mês depois, um tiro acabou com o sofrimento daquela alma. Por isso, ele odiava aquela mulher.

A coletiva já chegava ao final, quando Sérgio percebeu a mulher trocando sorrisos com um industrial que fazia parte da comitiva da moça. Olhou bem a cena co-

## Lembranças do sobradinho amarelo e outros contos

nhecida e viu que os lábios dela sorriam, mas também notou a altivez de seu porte e a frieza dos olhos. Virou-se e foi-se embora. Em sua mente ouvia a mulher-esfinge dizendo: “Satisfaça-me ou te devoro”.